



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

AMANDA DE LIMA

**A SIMBOLOGIA DA GRANDE SERPENTE DE ASAS NO IMAGINÁRIO DAS
BRUMAS DE AVALON, DE MARION ZIMMER BRADLEY**

**GUARABIRA
2018**

AMANDA DE LIMA

**A SIMBOLOGIA DA GRANDE SERPENTE DE ASAS NO IMAGINÁRIO DAS
BRUMAS DE AVALON, DE MARION ZIMMER BRADLEY**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em Letras habilitação em Língua
Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e
Imaginário.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2018**

L732s Lima, Amanda de.
A simbologia da grande serpente de asas no imaginário das Brumas de Avalon, de Marion Zimmer Bradley [manuscrito] : / Amanda de Lima. - 2018.
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Dragão. 2. Símbolo. 3. As Brumas de Avalon.

21. ed. CDD 801.95

AMANDA DE LIMA

A SIMBOLOGIA DA GRANDE SERPENTE DE ASAS NO IMAGINÁRIO DAS BRUMAS
DE AVALON, DE MARION ZIMMER BRADLEY

Artigo, apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Imaginário.

Aprovada em: 11 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A minha mãe, por está comigo em todos os momentos,
por sempre me apoiar, me dá forças, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primordialmente, a Deus pelo dom da vida, por ter me mantido de pé mediante as dificuldades que apareciam desde ao adentrar até o sair da Universidade.

À minha família, que são pessoas fundamentais em minha vida, e que mesmo estando um pouco distante de mim, nunca pararam de acreditar em meu sonho, em especial a minha mãe, Analice Alves Cardoso, que em todos esses anos de estudos nunca mediu esforços para me ajudar a meio as mais diversas barreiras tidas até aqui.

Aos meus amigos, aqueles mais presentes ou não, que sempre me deram forças, passaram-me confiança de que eu sou capaz de resolver cada problema ou dificuldade que a vida coloca em meu caminho. O auxílio de vocês foi essencial para que eu me mantivesse no curso de Letras. Aos meus colegas de classe que sempre me trataram bem e me ajudaram bastante nessa caminhada, em especial ao meu colega e amigo Douglas do Nascimento. Vocês fazem parte de minhas memórias deste percurso.

Agradeço, ainda, as minhas amigas Raquel de Paula e Geórgia Izabelly que foram “solução” em meio a tantas agonias, trabalhos, estresses como também foram “alegrias” a cada semestre concluído, a cada comemoração que tivemos. De uma forma geral, foram anjos que sempre acreditaram em mim, me apoiaram e me disseram palavras de incentivos. Vocês terão sempre minha gratidão. Levarei a amizade de vocês para o resto da vida.

Ao meu orientador e professor Ms. Rafael Francisco Braz, que entrou em minha vida nesse um ano e meio de curso para adicionar verdadeiros conhecimentos em minha bagagem acadêmica, como também me fez crescer como pessoa por seu exemplo de vida. Aos meus outros professores e a UEPB, que também contribuíram para a minha formação acadêmica.

Minha eterna gratidão aos que direta ou indiretamente contribuíram e acreditaram para que eu chegasse ao fim de mais essa etapa da vida.

“-Há sempre pessoas que vêem aquilo que querem: algumas vêem santos e milagres, outras vêem dragões e fadas.”

(BRADLEY, 1989, p. 103)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	NO IMAGINÁRIO DE MARION ZIMMER BRADLEY.....	10
3	DA IMAGEM SIMBÓLICA AO SÍMBOLO.....	14
4	A IMAGEM SIMBÓLICA DA SERPENTE DE ASAS.....	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	29

A SIMBOLOGIA DA GRANDE SERPENTE DE ASAS NO IMGINÁRIO DAS BRUMAS DE AVALON, DE MARION ZIMMER BRADLEY

Amanda de Lima*

RESUMO

A literatura tem sido, ao longo dos anos, uma experiência de preservar a origem da humanidade e com isto, seu valor se dá, principalmente, com a aparição do romance. Deste modo, muito dos sofrimentos humanos tiveram modificações através de suas expressões literárias. Por isso, as palavras ganham poder na literatura, uma vez que é nela que nossa subjetividade é estruturada. propomos nesta pesquisa, identificar o papel simbólico presente na obra *As Brumas de Avalon* da escritora Marion Zimmer Bradley, do mesmo modo que, a representação do símbolo, sendo fundamentado em seus estudos analíticos da obra citada, à volta do símbolo do dragão, pertence a uma história da lenda arturiana contada numa perspectiva feminina, sendo assim, como categoria temática constataremos o papel dos espaços simbólicos da imagem da serpente de asas – o dragão - no texto objeto desta pesquisa nesta narrativa. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se na teoria do imaginário Laplantine e Trindade (1997) e no âmbito do simbólico Cirlot (2005), Chevalier e Gheerbrant (2009), Ribeiro (2017), e Girard (1997). A análise nos mostra que na obra *As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*, de Marion Zimmer Bradley, demonstrar as representações simbólicas mediante a figura do dragão, ganhando uma nova aceitação como imagem, e que por isso, nos faz refletir sobre os símbolos, que despertam fascínio e curiosidade, sobre criaturas fantasiosas como é o caso do dragão, que é um símbolo constante na literatura de cunho medieval e que não é tão lembrada em nossos dias atuais

Palavras-Chave: Dragão. Símbolo. *As Brumas de Avalon*.

1 INTRODUÇÃO

A literatura tem sido, ao longo dos anos, uma experiência de preservar a origem da humanidade e com isto, seu valor se dá, principalmente, com a aparição do romance. Deste modo, muito dos sofrimentos humanos tiveram modificações através de suas expressões literárias. Por isso, as palavras ganham poder na literatura, uma vez que é nela que nossa subjetividade é estruturada.

Por estar envolvido com a chegada do outro tanto quanto no que eles passam ou sentem, muitas vezes com seus problemas e/ou conflitos em existir, em que as pessoas como leitores possam ou não está passando. Nós como seres humanos, encontramos meios de achar formas de contribuir na reflexão acerca da circunstância existencial.

* Aluno de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: al95lima@gmail.com

É válido ressaltarmos que a sociedade tem grande influência sobre nossas personalidades, enquanto pessoas pensantes, uma vez que é no nosso imaginário quando crianças, que nos deparamos com um meio ao qual já está todo feito e no qual temos que nos empenharmos para entrarmos nele.

Com a tentativa de adentrarmos nessa sociedade que comanda as pessoas, de certo modo, acabamos nos ocultando, em muitos casos e, com isso, nossa personalidade com alguns dos pensamentos diferentes é tida como não construtiva, deste modo, toda e qualquer forma de sermos e termos um crescimento autônomo, nos é retirado com o intuito que tenhamos nossa personalidade voltada as mudanças significativas das relações sociais.

Sair desse meio que a sociedade nos impõe como padrão, vai de encontro em mudar com as pessoas e consigo mesmo, no entanto, essa mudança seria o encontro com uma identidade particular, sendo algo que quase não ocorre, uma vez que, mesmo tendo muitas pessoas insatisfeitas com a ideologia dos padrões que é passado, as mesmas não são habituadas a terem outros comportamentos, conformando-se muitas das vezes, ao padrão imposto, alegando que não podem reagir ao que lhe é determinado, adaptando-se, assim, as poucas oportunidades de modificação.

Com a indispensabilidade de sabermos nossas identidades como pessoas pensantes acerca das representações que nos cerca, esta tem sido uma questão indagadora do campo simbólico no decorrer dos anos passado até os dias atuais.

A literatura, por ser dentre outras definições, a arte estética e possuir o poder de manifestar-se através do imaginário, do símbolo, dos sentimentos e das sensações que acontecem no meio real, exercendo na sociedade uma ocupação ora política ora simbólica. Estes atributos quando trabalhados na literatura, tem sua arte distribuída nas diferentes áreas para colaborar com uma sociedade desejada mais justa para todos.

A área simbólica é uma representação acerca de algumas situações, na qual existem ideias suas ou não. Mediante a nossa área e as manifestações de nossa interpretação; o símbolo foi conseguindo sua aceitação através da imaginação, sendo da parte essencial dessa vida.

Nesta linha de pensamento, propomos nesta pesquisa, identificar o papel simbólico presente na obra *As Brumas de Avalon* da escritora Marion Zimmer Bradley, do mesmo modo que, a representação do símbolo, sendo fundamentado em seus estudos analíticos da obra citada, à volta do símbolo do dragão, pertence a uma história da lenda arturiana contada numa perspectiva feminina, sendo assim, como categoria temática constataremos o papel dos

espaços simbólicos da imagem da serpente de asas – o dragão – no texto objeto desta pesquisa nesta narrativa.

Em 1982, é lançado o romance *As Brumas de Avalon*, obra que deu prestígio a autora tornando-a uma das mais lidas no mundo. O foco narrativo do romance é feito por uma personagem feminina, Morgana, que conta a história de um rei através das mulheres daquela época, ressaltando as religiões e o cristianismo num fervilhamento. O elemento de maior ênfase está na representatividade dos seres fantásticos.

São encontrados no romance dando forma a algumas situações. A representação da espada Excalibur que, mesmo tida como um instrumento exercida de a magia quando incapaz de ser tirada e manuseada por alguém, foi o símbolo que fez Artur virar rei e o elemento do acordo feito entre o mundo da Deusa, o paganismo, e o cristianismo.

Na grande maioria das obras de Marion Zimmer Bradley, percebemos que sua produção literária deu sua contribuição em escritas de âmbitos da ficção científica como em histórias de fantasia. Isso acontece, pois desde o seu período infantil ou adolescente, ela era instruída a ser escritora e tinha seu gosto peculiar por outras histórias que não eram lidas em sua idade. Desde então, adotou a escrita como forma de possuir dinheiro.

Enfatizamos que o livro que a consagrou – *As Brumas de Avalon* (1982) – objeto de nossa análise e mais algumas de suas obras antecedentes com o mesmo cunho literário, a ajudaram e a mantiveram por três meses na lista dos *beste seller*.

Na produção de Marion Zimmer Bradley, percebemos escritos voltados, em sua maior parte, para ficção científica, como também, há histórias que abrange a fantasia. Tais escritos tinham mulheres sábias, acontecimentos escritos numa visão feminina, histórias que regressavam ao universo mítico. Ela, também, escreveu romances sensacionalistas e algumas histórias para revistas.

Desse modo, fomos estimulados para a realização de um estudo simbólico na literatura da escritora Marion Zimmer Bradley, tendo o propósito de interpretar a imagem simbólica do dragão em sua obra.

Dentre nossos objetivos podemos os especificar como: a-) evidenciar o papel da fantasia no texto da escritora; b-) Categorizar o imaginário e o simbólico que têm representatividade na criatura mágica do dragão; c-) interpretar tanto as imagens como os símbolos em seus arquétipos relacionados ao dragão no mundo fantasioso de Bradley.

Nesses objetivos, conduzimos nossa pesquisa com o intuito de despertar a imaginação, tendo como caráter uma pesquisa quanti/qualitativa.

Para a discussão acerca da literatura voltada para o poder das palavras enfatizamos algumas teorias relacionadas ao imaginário/simbólico, tais como: para a teoria do imaginário Laplantine e Trindade (1997) e no âmbito do simbólico Cirlot (2005), Chevalier e Gheerbrant (2009), Zolar (2009), Rowling (2001), Maria Goretti (2017), e Marc Girard (1997).

Logo, a análise é atribuída na representação da imagem mítica/simbólica do dragão na obra em análise. Desse modo para a execução desta pesquisa dividimos nosso trabalho em três partes, assim, descritas:

No primeiro tópico, nomeado – *No imaginário de Marion Zimmer Bradley* – fixamos a escrita da autora bem como também, expomos a sua vida e as suas obras.

No segundo tópico, definido – *Da imagem simbólica ao Símbolo* – abordaremos a teoria acerca do mundo fantástico pelo viés da crítica do imaginário, mítico e simbólico apresentado pelos simbologistas Juan-Eduardo Cirlot (2005), Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009).

Findamos com o terceiro tópico, intitulado – *A imagem simbólica da serpente de asas* – será exposto o símbolo do dragão no imaginário de Marion Zimmer Bradley em seu romance *corpus* análise deste Trabalho de Conclusão de Curso. Por fim, nossas considerações finais e referências usadas na elaboração desta pesquisa.

Com esta pesquisa, buscamos mostrar a relevância que os símbolos carregam nessa nova visão de aceitação como imagem, figura, emblema, sinais usados em nossa linguagem, em nossos gestos ou até em nossos sonhos. Deste modo, eles são responsáveis por dar forma aos nossos desejos e muitas vezes acontece sem que percebamos. Neste sentido, nós utilizamos os símbolos em suas mais variadas formas de nosso cotidiano. Deste modo, esperamos conceder uma singela contribuição no impressionante campo da literatura por um viés mítico, simbólico.

2 NO IMAGINÁRIO DE MARION ZIMMER BRADLEY

Nascida em 1930 na cidade de Albany, em pleno auge da Grande Depressão americana, Marion Zimmer Bradley, já se depara com uma grande crise econômica em sua sociedade, assim, se deparando dessa forma, com uma vida nada fácil e com uma época, na qual sua infância foi simultânea a esse período para seu país.

Mas, mesmo em meio a esse caos, a menina já tinha seus gostos peculiares para a fase a qual se encontrava: descobrira que era apaixonada por livros, estes de fantasia e, também,

teve uma paixão pela ópera a Norma, de Bellini, tudo isso tendo o incentivo de sua mãe, que além da literatura a incentivava a música desde cedo.

Sua família não tinha condições financeiras de proporcionar-lhe uma educação melhor, nem a ela nem a seus irmãos e, logo, ela teve de ir trabalhar para ajudar seus pais. Foi quando ela comprou com seu próprio dinheiro a novela de *kuttner the dark world*[†], escrita por Catherine Moore Kuttner, a qual adorava lê-la quando viajava. Após ler Kuttner leu *Planet of The Black Dust*[‡] de Jack Vance e depois Cartas dos Leitores. Dessas leituras surgiu seu encantamento por escritas de ficção científica.

Aos dezesseis anos, ela foi presenteada por sua mãe com uma máquina de escrever para que aprendesse a datilografia e mais tarde conseguir um emprego. No entanto, esse equipamento teve outros fins, pois Marion usou para a realização de escritas da ficção. Foi o que aconteceu no verão em que ela usou o equipamento e fez um esboço de uma novela que escreveu *A Espada De Aldones* – que só seria publicada mais tarde – a qual foi rejeitada pelo editor Sam Merwin.

Neste mesmo período, a autora começou a escrever para revistas e teve alguns de seus contos comprados e deu início a atividade de fã. Por todo esse gosto a ficção científica, Marion teve sua adolescência diferente do que seria o padrão para as garotas daquela fase, porém essa exclusão a fez ter oportunidades de conhecer outras pessoas com o mesmo gosto que o seu. Ela, ainda, estudou música e além de ter conhecido obras de ocultismos.

Após três anos, casou-se e vendo o matrimônio como uma forma de uma jovem fugir do controle dos pais e algumas situações, como a doméstica. Para isso, se deslocou de Albany e foi viver na pequena cidade do Texas, onde seu marido trabalhava como agente-telegrafista, e ela passou à viver na vida de futebol americano e igreja substituindo sua atividade de fã, vivendo, assim, por quatorze anos.

Mais tarde, a autora escreve sua primeira novela *Sete as estrelas* e algumas noveletas que só, posteriormente, tornaram-se novelas inspiradas na escrita de Kittner. “*As Crianças de*

[†] Kuttner the dark world foi um romance de fantasia científica, que conta a história do aviador Edward Edgar que viaja para uma fantástica dimensão a qual entra em conflito e ele fica preso entre os dois lados, há presença de bruxos, portal, magia. É publicado pela primeira vez em 1946 na revista Startling Stories, escrita com autoria não exata, pois Henry Kuttner e Catherine Moore Kuttner eram casados quando a obra foi escrita, ambos são americanos e escrevem textos de ficção científica, fantasia.

-The Dark World. Disponível: <https://en.wikipedia.org/wiki/The_Dark_World>. Acesso em: 28 de maio, 2018 às 23:58.

[‡] Planet of The Black Dust foi uma obra publicada em 1946 na edição de Agosto da revista Starling Stories. Escrita por Jack Vance, que nasceu nas Alturas do Pacífico de San Francisco era grão-mestre de ficção científica. -LIPTAK, Andrew. Jack Vance, Inventor of Worlds. Disponível: <<http://www.kirkusreviews.com/features/jack-vance-inventor-worlds/>>. Acesso em: 28 de maio, 2018 às 20:00.

Centaurus” e o “*O povo do Vento*” contavam histórias em conformidade com a primeira novela de Marion que retratava, sobretudo sua vida doméstica no Texas, a qual ela tinha afazeres domésticos e seu convívio social só se dava pelas leituras de seus livros ou pelas pessoas que via nas revistas. Quando saía para um lugar diferente, este era a lanchonete, pois ir à igreja e ao futebol americano se tornaram para ela algo a se fazer cotidianamente.

Com o decorrer dos dias, Bradley vendeu sua primeira novela “*Ave Rapina*”[§] que só apareceria novamente após os romances de Darkover, como a *Porta no espaço*. Nesse percurso de tempo, ela deixou Brad, seu marido, alegando que seu primeiro casamento não tinha nada de ruim. Bradley, com o dinheiro de seus romances da *Monarch Books*, conseguiu pagar seu curso e ter um diploma de professora.

Deixou o Texas e foi para Berkeley com seu filho, onde lá se casou novamente e teve mais dois filhos, em que agora tinha carinho para com seu segundo marido e continuava com o pensamento que o ato de escrever podia ser reconciliado com o ato de cuidar dos filhos enquanto escrevia.

Em seus quarenta anos de carreira, Marion já tinha escrito mais de quarenta romances e alguns contos. Tais escritas eram voltadas para a ficção científica, no entanto, também continha fantasia. A autora escreveu ainda romances para uma editora abrangendo a homossexualidade usando de pseudônimos para assinar estes textos.

Dentre suas obras temos: *A Casa de Thendara*, *Cidade da Magia*, *Estrela do Perigo*, *O Sol Vermelho*, *A Herança de Hastur*, *Salvadores do Planeta*, *O Exílio de Sharra*, *Os Destruidores de Mundos*, *Canção do Exílio*, *Salto Mortal*, *A Filha da Noite*, *A Colina das Bruxas*, *Presságio de Fogo*, em Portugal, *O Incêndio de Tróia*, no Brasil, *Heartlight*, *O Poder Suprem*, *Ghostlight – A Luz Espiritual*, *Glenraven*, *Witchlight – A luz Enfeitiçada*, *Gravelight – A Luz Sombria*.

Sua escrita abrange grandes obras dentre as quais podemos destacar: *A casa de Thendara* (1983), *Cidade da Magia* (1991), *Estrela do Perigo* (1994), *O Sol Vermelho* (1996), *O Exílio de Sharra* (1994), *Os destruidores de Mundos* (1995), *Salto Mortal* (1979), *A filha da Noite* (1986), *Presságio de Fogo*, em Portugal e *Incendio de Tróia*, no Brasil (1987) *Glenraven* (1996) o ciclo de Darkover ,o ciclo de Avalon – que iremos nos deter- entre tantos outros escritos que a tornaram nomeada.

§ § *Ave de Rapina* “eram inicialmente noveletas, pastiches de Kuttner; não porque eu estivesse deliberadamente imitando, mas sim porque queria escrever histórias como as que lia nas revistas.” (BRADLEY, 1991, p. 8)

Ainda em suas obras têm-se o Ciclo *Darkover*, este trata de um planeta distante da Terra, o qual pessoas colonizadores caem nele e depois tentam sair. Há no decorrer dos episódios elementos fantásticos, paranormais. Este ciclo é dividido em seis volumes, tais como: *A Chegada em Darkover* (Darkover Landfall), *A Rainha da Tempestade* (Stormqueen), *A Dama do Falcão* (Hawkmistress), *Dois para Conquistar* (Tus To Conquer), *Os Herdeiros de Hammerfel* (Heirs of Hammerfel), *A Corrente Partida* (Shattered Chain) e *A Espada Encantada* (Spell Sword). E há, também, o Ciclo de *Avalon*, que retrata a criação de Avalon, como também o período arturiano.

O ciclo de *Darkover* trata-se de um planeta distante da Terra, no qual pessoas colonizadoras caem nele e depois tentam sair. Nesse meio há episódios em que aparecem elementos fantásticos, paranormais. Neste ciclo há alguns volumes, tais como: *A Chegada em Darkover* (Darkover Landfall) – 1989/1972, *Rainha da Tempestade* (Stormqueen) – 1988/1978, *A Dama do Falcão* (Hawkmistress) – 1990/1982, *Dois para Conquistar* (Tus To Conquer) – 1988/1980, *Os Herdeiros de Hmmerfell* (The Heirs of Hammerfell)-1992/1989, dentre outros livros.

Sobre a leitura desse ciclo do período arturiano, sua compreensão se faz de melhor entendimento lido na ordem nesta ordem: *A Queda de Atlântida – Teia da luz e Teia das Trevas* (1983 e 1993), *A Espada de Avalon*, *Os Corvos de Avalon*, *A Casa da Floresta*, *A Senhora de Avalon*, *A Sacerdotisa de Avalon*, *As Brumas de Avalon* (1982) – *A Senhora da Magia; A Grande Rainha; O Gamo Rei e o Prisioneiro da Árvore*.

Já no ciclo do período arturiano, a autora continua suas escritas tendo a ajuda de sua amiga Diana L. Paxson – amiga que dar continuidade e publica algumas obras após a morte de Bradley- produzindo as obras: *A Queda de Atlântida* (1987), *A Espada de Avalon* (2009), *Os Corvos de Avalon* (2007), *A Casa da Floresta* (1993), *A Senhora de Avalon* (1997), *A Sacerdotisa de Avalon* (2000), *As Brumas de Avalon- a Senhora da Magia; A Grande Rainha; O Gamo Rei e o Prisioneiro da Árvore* (1982).

Neste ciclo, iremos dar destaque fundamental para *As Brumas de Avalon*, a qual será usada para este trabalho. Esta obra publicada em 1982, é uma história recriada das lendas do rei Artur vista sob uma perspectiva feminina, distribuídas em quatro volumes: *A Senhora da Magia, A Grande Rainha, O Gamo Rei e o Prisioneiro da Árvore*.

No livro *Um - A Senhora da Magia*- Conta a história de uma das descendentes de Avalon: Igraine, que se casa contra sua vontade com o Duque Gorlois e tem Morgana, ao mesmo tempo é pressionada por Avalon a casa-se, novamente, com Uther Pendragon gerando o futuro rei Artur, nessas condições corta relações com Avalon e passa a ser Cristã. Morgana

é criada por sua tia, Viviane, que a faz ter relação sexual com seu irmão, Artur, para gerar um filho da linhagem de Avalon.

No livro Dois - *A Grande Rainha*- retrata o reinado de Artur, juntamente, com sua Grande Rainha, Gwenhwyfar, que era uma cristã fanática capaz de colocar Artur contra seus próprios juramentos feitos a Deusa. Ela, também, se apaixona por Lancelote, principal cavaleiro de Artur, o qual vive um caso permitido por Artur que pensa que sua rainha é estéril devido a sua religião. Neste volume, Gwenhwyfar, também, mostra sua raiva perante Morgana.

No livro Três - *O Gamo Rei*- Narra o amadurecimento de alguns personagens tais como: Viviane, que acaba morrendo; o Merlin, da Bretanha, que também morre. Estes deixam seus sucessores que não sabem governar tão bem suas funções. Na corte de Artur, o caso de Gwenhwyfar e Lancelote se torna público, tornando-se piada em toda a Bretanha, mas Morgana dá um jeito de afastar Lancelote da corte com um casamento afastando, assim, Gwenhwyfar e Artur do cavaleiro.

No livro Quatro - *O Prisioneiro da Árvore* - acontece o final do romance com Artur traíndo a antiga religião pagã. O sucessor do Merlin, também, trai seus costumes por causa de Artur, desacreditado dos costumes antigos. A filha de Lancelote vira sacerdotisa de Avalon e Gwenhwyfar foge com Lancelote após ser flagrada no adultério. E Mordred, filho de Morgana e Artur, mata a sucessora de Viviane por ambição enfrentando, também, Artur.

Seu prestígio se deu com a escrita de *As Brumas De Avalon*, quando esta permaneceu na lista dos “*beste sellers*” de New York Times. Marion Zimmer Bradley, em 25 de Setembro de 1999 falece aos 69 anos, após sofrer com doenças relacionadas do coração.

3 DA IMAGEM SIMBÓLICA AO SÍMBOLO

A palavra símbolo, significa a representação de um elemento, de uma ideia, de uma situação que pode ser visual ou não, que tendo origem no grego *symbolon* que vai apontar um signo e, conseqüentemente, um significante. Este termo segundo o Minidicionário da Língua Portuguesa significa “*sm.1. Aquilo que, por convenção, representa ou substitui outra coisa.2 Sinal que representa fórmulas, conceitos, [...]; 3 Sinal que indica função, nobreza, posição, etc.; emblema, insígnia. [Do lat. symbolum, i.]*” (BECHARA, 2009, p. 818)

O símbolo é um meio necessário em nossa comunicação, uma vez que usamos eles em nosso cotidiano para falarmos, para agirmos e até quando dormimos, pois o mesmo dá forma a alguns de nossos atos é o que nos afirma os autores Chevalier e Gheerbrant (2009):

Ao longo do dia e da noite, em nossa linguagem, nossos gestos ou nossos sonhos, quer percebamos ou não, cada um de nós utiliza os símbolos. Eles dão forma aos desejos, incitam a empreendimentos, modelam comportamentos, provocam êxitos ou derrotas.[...] Seria dizer pouco que vivemos num mundo de símbolos- um mundo de símbolos vive em nós.(CHEVALIER;GHEERBRANT, 2009, p. XII)

Sua manifestação se dá pela interpretação da imaginação quando desvendamos aspectos psicológicos que vai desde os desejos contidos até os segredos do inconsciente.

Podemos classificar o símbolo conforme Laplantine e Trindade (1997) como um sistema que não substitui qualquer sentido, mas pode efetivamente conter uma pluralidade de interpretações, ou seja, é através dele que podemos reconhecer o objeto como acontece com a Cruz que significa Cristo, mas não o substitui, apenas o representa.

Segundo Cirlot *apud* Diel (2005), o símbolo é um meio universal e particular ao mesmo tempo, visto que, uma figura está no imaginário humano como coisa comum que vai além dos limites da história, ou seja, se torna universal, mas quando vamos para o particular, o sentido de cada um deles é diferente, pois vai variar de acordo com a situação no qual ele se encontra e com a sociedade e os homens que pedem a interpretação adequado. Cirlot *apud* Diel (2005) vai nos informar ainda que,

[...]o símbolo é ao mesmo tempo um veículo universal e particular. Universal, pois transcende a história; particular por corresponder a uma época precisa. Sem pretender analisar questões de “origem” consignaremos [...] conformidade em situar o princípio do pensa simbolista numa época anterior à história[...] ainda que haja indícios primários... (CIRLOT *apud* DIEI, 2005, p. 12)

A imagem consiste na criação de tudo o que somos capazes de imaginar, podendo ser visual ou não, mas que seja significada. Esse “imaginar” é tido como uma exposição que o consciente tem, uma vez que ele chega a invadir o ficcional transportando algo que era ilusório para a realidade. Deste modo, é fácil perceber que nenhuma imagem é do presente e sim, do passado, justamente por fazer com que busquemos nossas imaginações que já foram construídas antes no pensamento como nos afirmam Laplantine e Trindade (1997),

Imagens são construções baseadas nas informações Obtidas pelas experiências visuais anteriores. Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva. Imagens não são coisas concretas mas são criadas como parte do ato de pensar. (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 10)

A imagem ela é ainda, tida como produtora do imaginário, este por sua vez, encontra-se na cabeça de todas as pessoas, que vai desde a criação da ideia de como seja o outro quando acontece aquela situação de que a primeira imagem é a que fica, até as indeterminadas lembranças passadas que já vimos com algo ou alguém como nos informa Laplantine e Trindade (1997):

Atribuimos a essa pessoa qualidades físicas ou morais que, embora ela possa em parte possuir, são aumentadas ou denegridas, mutáveis, transformadas a plenas de significados que lhe fornecemos no percurso de nossas experiências e lembranças vividas e concebidas nos encontros e desencontros que com ela estabelecemos. (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 11)

Para alguns estudiosos a exemplo de Jean Jacques Lacan, o imaginário está ligado ao individual e ao ilusório, pois o indivíduo se faz necessário de um imaginário e uma abordagem ficcional, respectivamente. Acerca dessa individualidade podemos frisar que ela se faz apenas para um ser, pois a representação que um objeto tem para uma pessoa, ou seja, cada um de nós temos um imaginário.

Lacan nos argumenta, também, que o imaginário é visto como nosso reflexo, visto que, quando nos deparamos com nossa imagem diante do espelho não estamos nos enxergando como realmente somos e sim, estamos vendo nosso reflexo, que muitas vezes nos diz mais do que somos ou deixa-nos a desejar no que somos, causando desta forma uma ilusão representacional.

O simbolismo é visto no âmbito do símbolo como uma expressão, uma figuração, uma interpretação ou até mesmo uma significação simbólica. Para Cirlot (2005) o simbolismo aparece quando as religiões da natureza sofrem uma ruptura e isso acontece quando faz-se uma assimilação de que Marte é o símbolo e Hércules é visto como o símbolo da força, mas podemos ver que há uma interpretação mal feita pelo espírito simbólico, pois o religioso ele fundamenta-se e intensifica-se pelo valor simbólico.

Este simbolismo, visto numa perspectiva histórica, vai trazer algumas interpretações errôneas, tal qual uma delas ressalta que “o simbólico se contrapõe ao histórico, no entanto sabemos que simbolismo acrescenta um novo valor a um objeto ou a uma ação, sem atentar por isso contra seus valores próprios e imediatos ou “históricos” (CIRLOT apud ELIADE, 2005, p. 9-10), ou seja, há uma ponte que faz com que ambas se unam já que o simbólico pode transforma-se em fatos lendários e conseqüentemente em históricos.

No simbolismo ocidental as mitologias dos povos mediterrâneos do Egito tiveram acontecimentos que colocaram o símbolo de encontro às religiões pagãs, à doutrina neoplatônica e ao cristianismo do baixo império, em que o símbolo tem função de despertar e alimentar alguns sentimentos, como também, é usado pelos padres, em seu momento de prestígio, se destacando como uma das épocas em que foi mais vivido e compreendido.

Ao se tratando do simbolismo dos sonhos, temos que a origem dos símbolos se dá no inconsciente, este foi revelado pelos psicólogos: Carus, Shapenhauer Hartmam tendo suas

experimentações feitas por Bernheim, Clareot, Freud dentre outros. Nesta perspectiva Cirlot (2005) afirma que

O interesse pelos sonhos e seu conteúdo simbólico vem da antiguidade, na qual, sem que se formulasse teoricamente, implicava considerar-se esse fenômeno como uma espécie de mitologia pessoal, mesmo quando o idioma utilizado em sua manifestação fosse tão objetivo como o dos mitos coletivos. Os famosos sonhos da Bíblia; o livro de artemidoro de Daldia; os dicionários interpretativos de origem caldéia, egípcia e árabe, são testemunhas da atenção para os sonhos como portadores de verdades ocultas. (CIRLOT, 2005, p. 20)

Desta forma, os sonhos eles são estudados numa visão simbólica e são tidos como um meio de verdades visto como ocultos, ou seja, o símbolo traz nesta esfera a representação do que acontece no inconsciente.

A alquimia, no simbolismo alquímico, foi uma técnica simbólica desenvolvida na época do medieval e no renascimento, com a divisão da mística e da química procurava realizar verdades espirituais, junto com as ciências naturais. Logo, ela se tornou a origem da química atual e, também, tenha servido de modelo em atividade mental como nos Cirlot (2005) também, se compreende que a Alquimia tenha servido de modelo de “paradigma” toda atividade baseada no experimento, na atividade mental projetada e na constância como sucede em certa casa de arte ou de poesia.

São muitas as definições e análises acerca da natureza do símbolo, como também, simbólico. Dentre as mais destacáveis podemos nos deter em (CIRLOT *apud* FROMM, 2005, p. 26) “*a qual nos diz que o conhecimento da normativa da matéria simbólica estabelece diferenças graduais entre três espécies de símbolos: a) O convencional; b) O ocidental; c) o universal*”.

A primeira espécie pela a aceitação de uma conexão constante como os signos usados nas matemáticas; o segundo gênero acontece em condições transitórias e se associa por contato casual, já o terceiro tipo está envolvido na relação essencial entre o símbolo e sua representação. Para os psicólogos, o símbolo é uma realidade quase exclusivamente anímica (CIRLOT, 2005, p. 27). Ou seja, nesta definição o símbolo envolvido na área da mente vai ser visto como pertence à alma.

Ainda nas considerações, sobre o símbolo há o destaque para (CIRLOT *apud* SCHNEIDER, 2005, p.29) sobre seu ritmo comum em que ele afirma:

A determinação do ritmo comum varia muito de acordo com as culturas. Os seres primitivos consideram como um ritmo de parentesco, antes de tudo, o timbre de voz, o ritmo ambulatório. Em vez de conceber estes ritmos de parentescos dinâmica e artisticamente como fazem os povos primitivos, as altas culturas consideram-nos

como valores abstratos e as ordenam seguindo uma classificação racional. (SCHNEIDER *apud* CIRLOT, 2005, p. 29)

Arguindo com o autor, esses ritmos são responsáveis por estabelecer junção nos vários planos da realidade, estes são encontrados nas culturas e liga-se a fenômenos mais diferentes por possuírem um ritmo comum e se relacionarem a elementos como instrumentos de músicas, de trabalho, aos animais, as estações, símbolos materiais e até partes do corpo humano.

Desse modo, podemos afirmar que o simbolismo nesta percepção é o que liga entre si os fenômenos correspondentes ao mesmo ritmo. (CIRLOT *apud* SCHNEIDER, 2005, p.29). *“Mais adiante temos também a s considerações de Jung, que vai de encontro com os arquétipos como uma epifania, quer dizer, o aparecimento, do latente através do arcano: visão, sonho, fantasia, mito”.*

Ele afirma ainda que utilize a palavra arquétipo para referir-se àqueles símbolos universais que revelam a máxima constância e eficácia, a maior virtualidade com respeito à evolução anímica, que conduz do inferior ao superior (CIRLOT *apud* JUNG, 2005). Ou seja, esse arquétipo mencionado pelo autor vai de encontro a uma tendência inata, esta responsável pela formação de representações no inconsciente coletivo.

Tratando-se agora da essência do símbolo podemos destacar, segundo Cirlot (2005) que seu nascimento, suas ideias prévias se dão da seguinte forma: a) Nada é diferente; b) Nenhuma forma de realidade é independente; c) O quantitativo se transforma em qualitativo em certos pontos essenciais que constituem precisamente a significação da quantidade; d) Tudo é serial; e) Existem correlações de situação entre as diversas séries e de sentido entre as referidas séries e os elementos que as integram.

Nesta perspectiva, tomamos um símbolo qualquer e o decompomos fazendo sua análise desde a sua origem até sua significação, esse processo acontece, primordialmente, quando encontra-se o objeto em si, depois tem-se o objeto ligado a sua função utilitária e em um último momento, é encontrado sua função simbólica.

Nessa abordagem acerca do símbolo acima tratado, temos a diferença entre o símbolo e alegoria que para (CIRLOT *apud* JUNG, 2005) *“a alegoria vai ser um símbolo reduzido constricto ao papel de signo, a designação de uma só de suas possibilidades seriais e dinâmicas”.*

Nesta linha de pensamento, dar-se entendido que este tipo de imagem é entendido como uma expressão semiótica que dar-se em função de uma coisa conhecida, já a função do

simbólico dar-se em penetrar no desconhecido estabelecendo a comunicação com o incomunicável. Arguindo com estes pensamentos Cirlot (2005) nos afirma:

Mas os elementos da alegoria podem retomar o seu estado simbólico em determinadas circunstâncias, quer dizer, se são captadas como tais pelo inconsciente, com esquecimento da finalidade semiótica e meramente representativa que possuem. Por isso, podemos falar de um reino intermediário, de imagens criadas conscientemente, ainda que utilizando experiências ancestrais que podem dever-se a sonhos ou visões. (CIRLOT, 2005, p. 38)

Deste modo, o autor ressalta que entre a alegoria e o símbolo pode haver, também, uma transição, visto que esta acontece quando a alegoria retoma seu estado simbólico através do inconsciente ocorrendo à distração da representatividade da função da semiótica que contém.

É tido, também, neste ponto de vista da essência simbólica questões como a compreensão e interpretação voltadas ao simbolismo e a mitologia, o qual a mitologia solar ora era vista como vitória sobre as terras, ora era vista como preferência dada à tempestade. Entretanto, havia ainda outra interpretação que considerava a simbolização do psíquico e espiritual para as explicações celestes primordialmente, enquanto as interpretações da mitologia ficavam em um segundo plano.

Mas segundo Cirlot (2005) na tradição simbolista não há essa questão de prioridade e sim, uma simultaneidade responsável pelos fenômenos que o fazem paralelos e correspondentes, ou seja, as interpretações vão expressar em um primeiro momento, o ponto de partida de quem as estabelece para depois se pensar na relação de causalidade ou até mesmo de anterioridade dos fatos sistematizados.

Além de tudo, na interpretação psicológica, já mencionada vamos difundir uma explanação acerca do símbolo, em que segundo Cirlot (2005), todo símbolo pode ser interpretado psicologicamente. Esse conceito se dá pela visão de que todo símbolo repercute os planos da realidade.

Deste modo, a interpretação dar-se como interpretação objetiva, que é a que conhecemos como compreensão e a interpretação subjetiva, que é a interpretação no sentido mais generalizado e profundo que o símbolo pode apresentar. Cirlot reafirma que

Por outro lado, restringir a interpretação à análise do sentido, a enumeração das qualidades da coisa e sua tradução ao espiritual é insuficiente. Não porque, intrinsecamente o método se mostre incapaz, mais porque, na prática, ninguém vê clara e totalmente o que é um objeto dado. Por isto é necessário o confronto com a tradição simbolista, a qual estabeleceu conexões seculares e interpretações de grande validade e universalidade... (CIRLOT, 2005, p. 44)

Em conformidade com o autor, não podemos pensar que a interpretação limita-se apenas no sentido, pois a torna insuficiente, visto que não é possível ver-se com precisão o que um objeto quer traduzir.

Dado que “*os objetos simbólicos situados na linha de um ritmo comum corresponde a polivalência do sentido*” (CIRLOT, 2005, p. 44) temos que a significação faz parte do processo da degradação simbólica, este diz respeito ao símbolo, no qual é reduzido em sua interpretação.

Temos, ainda, segundo o Cirlot (2005) que o simbolismo se expressa pela organização do espaço, das formas geométricas, dos números da distribuição dos seres que vivem em seus determinados lugares e o simbolizado se apresenta como qualidade e como espírito da existência do simbolizante.

Em linhas gerais, os símbolos não costumam apresentar-se isolados, e sim unidos entre si, seja por suas composições simbólicas no tempo, no espaço ou no espaço e no tempo (Cirlot, 2005), pois no simbolismo há invariados significados em que é preciso estudar a orientação do símbolo como fogo, que quando colocado para cima significa purificação segundo o autor.

A imaginação é um dos meios que nos permite compreender e superar a realidade, esta por sua vez, determina a interpretação dada pelo homem no real, que surge das ideias, dos signos e também dos símbolos que são atribuídos à realidade.

Essas ideias constituídas como representação nem sempre são consideradas símbolos, uma vez que, as representações aparecem referidas aos dados concretos da realidade percebida segundo Laplantine; Trindade (1997). Nesta linha de pensamento é viável afirmarmos

o símbolo prevalece sobre a imagem, à medida que, enquanto a imagem está mais diretamente identificada ao seu objeto referente- embora não seja a sua reprodução, mas a representação do objeto-. O símbolo ultrapassa o seu referente e contém, através de seus estímulos afetivos, meios para agir, mobilizar os homens... (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 13)

Deste modo, a imagem e o símbolo são elementos que formam representações consideradas não substituídas e determinado objeto mas sim, apresentação de determinado objeto em outra visão que lhe são possíveis outros significados diferentes.

Em acordo com essa perspectiva, o símbolo vai ser considerado além de tudo “*um sistema que não substitui qualquer sentido, mas pode efetivamente conter uma pluralidade de interpretações*” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 14)

Na tradição neoplatônica, que é um conjunto de doutrinas e escola de inspiração platônica, tanto o imaginário como as imagens são sinônimos do simbólico, sendo que as imagens são formas que contêm sentidos afetivos remetendo a fatores do inconsciente.

Por isso, as imagens e o imaginário já mencionados têm sua identificação nos símbolos. E ainda, nesta ideia o símbolo fala por si mesmo além de conduzir o homem a alguma lembrança vaga de um sentido que é formado da imagem simbólica, segundo

Em razão disso, nessa tradição de teorias funcionalistas, estruturalistas, hermenêuticas, o imaginário e o símbolo são diferenciados, enquanto do outro lado, são tidos como semelhantes. Sob a visão de uma dessas abordagens reafirmamos que

existem diferenciações e relações entre o símbolo e o imaginário. O simbólico comporta um componente racional real e representa o real ou tudo aquilo que é indispensável para os homens agirem ou pensarem. O simbólico se faz presente em toda a vida social, na situação familiar, econômica, religiosa, política etc. (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 21)

O símbolo é real, portanto está presente em nossas experiências sociais por meio dos signos através da motivação dos mesmos nas ações afetivas do agir humano. Esses signos estão ligados aos objetos, as formas, imagens que faz com que os símbolos se constituam como polissemânticos e, também, polivalentes sendo motivadores de um referencial significativo com sentidos que a tenham significações afetivas responsáveis por determinados comportamentos sociais.

Abordando a ideia do decurso no que difere o símbolo do imaginário pode-se dizer que o imaginário quando faz uso do simbólico para mostrar-se, é tido como motivador de imagens, enquanto o simbólico se faz presumível da capacidade imaginária, nesse aspecto Laplantine e Trindade (1997) apresentam,

O imaginário seria, então, a solução fantasiosa das contradições reais. [...] o imaginário, portanto, de maneira geral, é a faculdade originária de pôr ou dar-se sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção. (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 24)

Em conformidade com os autores, o imaginário é tido como elemento encontrado na percepção, e segundo Laplantine e Trindade (1997, p. 25) “*O imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida, mas apenas ocupa uma fração do campo da representação...*”, ou seja, o imaginário ultrapassa a representação intelectual do processo mental.

O processo imaginário dar-se, ainda, na constituição da relação do sujeito com o objeto que designa o real, em que este, aparece em imagens até a representação do real. Desse

modo, o imaginário é tido como um processo capaz de prevenir situações futuras e uma orientação para uma atividade antecedente. Contudo, ele se auxilia no real para transformar-se, e assim, formar novas relações aparentemente no real.

A acerca do imaginário, é perceptível e possível referir-se a ele como um gênero literário e/ou artístico, o qual envolve a ficção, o maravilhoso e o fantástico como seus constituintes. Nesse tocar, o maravilhoso vai ser aquilo que nos deixa maravilhado, abismado, tendo suas localizações encontradas, segundo Laplantine e Trindade (1997),

Seja nas sociedades tradicionais (ou nas camadas tradicionais da nossa sociedade) que inventaram o que se chama de contos populares-que apresentam rainhas e reis, fadas, coelhos brancos, demônios, duendes e dragões em florestas ou castelos; - Seja nas sociedades contemporâneas sob a forma de um mundo ao contrário, quer dizer, do contrário daquilo que vivemos, no que é preciso chamar, por falta de uma expressão melhor, de realidade. (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 30)

Dessa forma, o maravilhoso foge do padrão da existência e vai de encontro ao que seria impossível de acontecer na vida diária, estes encontrados no mundo dos sonhos ou da magia.

Tratando-se agora do fantástico, ao qual sua literatura surge no século XIX em meio ao romantismo tanto da França como da Alemanha, seus escritos foram desenvolvidos principalmente por Edgar Poe, Borges, Cortázar e Bioy Casares, Laplantine; Trindade diz-nos:

O fantástico, ao contrário do maravilhoso, supõe por um lado a intrusão de um elemento desconcertante na trama da vida cotidiana acordada, e por outro uma suspensão do julgamento, quer dizer uma hesitação sobre o que acabou de acontecer. [...] O fantástico é a intrusão incrível de um domínio no outro... (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p. 32)

Sendo assim, o fantástico é visto como um método indeciso que acontece entre o real e o sobrenatural. Em conformidade com essa ideia de Laplantine e Trindade (1997) afirma que o fantástico supõe mesmo uma incerteza, esta explicada em um primeiro momento pela alucinações individuais ou coletivas, de ilusão da imaginação ou até mesmo de loucura dos homens, já em outro momento, o explicitar se dá pela realidade do acontecimento estranho o qual não pode ocorrer explicação dentro dos padrões.

No imaginário pode-se encontrar dentre outros aspectos, as vias do imaginário na qual essas têm pretensão em finalizar a história. São elas: o profetismo, a possessão e a utopia. Segundo Laplantine e Trindade (1997, p.?) “o profetismo vai ser um processo social que gira em torno do profeta (responsável por anunciar o messias) seguindo a promessa do fim do mundo para o surgimento de um paraíso”.

Já a possessão torna a história presente, foge do compromisso de ter que esperar no qual se atualiza o passado e o futuro. Por outro lado, a utopia é vista como uma construção matemática a qual se tem uma cidade perfeita, na qual há uma planificação que tudo controla impondo não só a racionalização como também regulando as ideias e até os atos de seus adeptos.

4 A IMAGEM SIMBÓLICA DA SERPENTE DE ASAS

O símbolo é definido como uma representação de uma ideia ou de uma situação que esteja ligada a uma imagem podendo ser visual ou não. Ele, ainda, abrange um signo e um significado em sua composição. Desse modo, além do símbolo fazer relação com o imaginário e desvendar aspectos psicológicos ele, ainda, vai ser encontrado em nosso dia a dia em nossa comunicação quando falamos, dando forma assim, aos nossos pensamentos.

Dentro da obra “*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*” de Marion Zimmer Bradley, um dos símbolos que a constitui e do qual estamos a discorrer neste Trabalho de Conclusão de Curso, é o símbolo do dragão. Neste momento, iremos discorrer, brevemente, a respeito do *dragão*, como forma de fornecer ao leitor um pouco mais de informações sobre essa fera, símbolo mitológico.

Segundo Kronzek (2003), a palavra *dragão* tem sua etimologia ligada ao grego *drakon* que significa “grande serpente” que em geral possuíam asas, corpo escamado, garras enormes, dentes longos, dois pares de pernas, chifres, caudas espinhosas, cores diversas (brancos, pretos, vermelhos...), além de cuspir fogo – essa que talvez seja a característica mais famosa e celebrada nas narrativas sobre essa fera mitológica. Amanda, de onde é isto? Ponha a referência, ok!

Não se sabe precisar ao certo quando e onde surgem histórias sobre essas criaturas lendárias, dotadas de mistérios e, porque não dizer de poderes mágicos, o fato é que as histórias sobre dragões difundiram-se por diversas civilizações, tais como: grega, egípcia, ilhas britânicas, alemã, japonesa, escandinava, chinesa e entre tantas outras.

As histórias sobre dragões sobrevivem ao longo do tempo e ganharam destaques nas literaturas, principalmente, nas literaturas de cunho medieval, onde cavaleiros ou homens de muita bravura se consagravam heróis por lutarem e derrotarem essas criaturas de grande poder, que em sua grande maioria eram representadas como criaturas personificadoras do mal, conforme afirma Kronzek (2003, p. 14), “*Os dragões foram então descritos e pintados como representantes do pecado, da maldade e às vezes do próprio Diabo*”. Motivados pelo fascínio

e mistérios que envolvem os dragões, nos propomos, neste trabalho de conclusão de curso fazer uma análise analítica do símbolo do dragão presente no volume “*A Grande Rainha*”, de Marion Zimmer Bradley.

O símbolo do dragão circula em uma ilha chamada Avalon, que foi palco do conflito entre a religião pagã e a cristã, as quais estavam sob ameaçadas de destruição pelos saxões**, que matavam tanto os pagãos quanto os cristãos. No entanto, esta representação simbólica teve início no livro Um intitulado “*A Senhora da Magia*”, onde ocorre o pedido de um nascimento de um menino visto como a salvação de Avalon:

-Mas onde encontraremos esse rei? -Perguntou Igraine. -Quem nos dará esse líder? E então, de repente, teve medo, sentiu um frio gelado descer-lhe pelas costas, enquanto Merlim e a sacerdotisa voltavam-se para ela, com olhos que pareciam mantê-la imóvel [...] Mas quando Viviane falou, sua voz era muito suave. Disse: - Você, Igraine. Você nos dará esse Grande Rei. (BRADLEY, 1989, p. 27)

Essa ideia de salvação que está associada ao símbolo do dragão é reforçada nas palavras de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009, p. 350), na obra intitulada **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números** discorre que, “[...] o dragão é sinal de bom augúrio, sua aparição é a consagração dos reinados felizes”.

Nessa linha de raciocínio na obra “*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*” de Bradley, a salvação de Avalon só seria possível se nascesse um herdeiro que se juntasse os dois mundos: o cristão e o mundo da Deusa e isso só poderia acontecer da junção de uma linhagem materna real e outra linhagem que seguisse a Deusa e se voltasse a Roma.

Desse modo, a escolhida foi Igraine que tinha o antigo sangue real e que já tinha uma filha (Morgana) com Gorlois, este era romano e por isso não serviria para gerar um Grande Rei para a salvação de Avalon. Por isso, o pai desse Grande Rei seria Uther Pendragon, filho de uma ilha sagrada e duque de guerra:

As tribos não seguirão qualquer homem nascido de um filho de Roma. O Grande Rei a quem seguirão deve ser filho da ilha sagrada, um verdadeiro filho da Deusa. [...] Precisamos do apoio dos romanos, dos celtas, e dos cambrianos, e eles só seguirão o seu próprio duque de guerra, os eu Pendragon, filho daquele que consideram capaz de liderá-los e comandá-los. [...] Seu filho, Igraine, cujo pai será Uther Pendragon. (BRADLEY, 1989, p. 28)

Como é perceptível, o dragão possui um valor de grande importância, pois ele é tido como um elemento para a salvação de Avalon, representando desta forma, um símbolo voltado para uma ilha que o tinha como um rito pagão,

**Antigo povo germânico, entre o Reno e o Báltico.

SAXÕES. In: **Dicionário Da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/sax%C3%B5es>>. Acesso em 17 mai. 2018.

Na **mitologia**, o animal fantástico é valorizado à medida que seus componentes principais se carregam de simbolismo positivo: no dragão positivo, dotado de asas (evocadoras da transcendência) e irradiando luz, o Extremo Oriente reconhece correntemente o estatuto de poder celeste, criador, fecundante, guarda da harmonia cósmica e social [...]; o licorne, popularizado no Ocidente, assume geralmente a valência positiva, porque se atribui ao seu apêndice frontal o valor de aumento de poder (real, espiritual ou moral). (GIRARD, 1997, p. 667).

O dragão é tido como fonte de salvação e, também, como representante de um rito pagão, o símbolo do dragão se transformará em uma bandeira, usada então pelo Grande Rei Artur, como símbolo pagão para que todos os povos se reúnam em defesa de Avalon contra os saxões. Para Cirlot (2005, p. 213), em seu “Dicionário de símbolos”, afirma que “[...] o dragão (como qualquer instinto, nas religiões não-morais da Antiguidade) pode aparecer entronizado e quase deificado [...]”. Nessa perspectiva, vemos o símbolo do dragão como um poder sob, o qual todos devem marchar e defendê-lo quando esse poder for ameaçado.

No entanto, este símbolo animal, sofria negação por parte da Rainha do Grande Rei, em que ela alegava que o dragão era pagão e, conseqüentemente, feitiçaria, uma vez que ela era da total religião cristã e contra os pagãos, por isso, a bandeira que Artur carregava consigo era tido para ela como demoníaca:

Essa batalha pertence aos povos civilizados, aos seguidores de Cristo, [...] O Povo Antigo é nosso inimigo, tanto quanto os saxões, e esta terra só será realmente cristã quando todo esse povo estiver morto, ou se tiver refugiado nas suas montanhas, e com eles os seus deuses demoníacos! E não me agrada, Artur, que você tenha como bandeira um símbolo pagão. Você devia lutar, como Uriens, sob a cruz de Cristo, a fim de que possamos separar os amigos dos inimigos. (BRADLEY, 1989, p. 182)

Neste momento, fica evidente a oposição dualística “bem x mal”, que cerca o símbolo do dragão, que aqui é explicitada pelo conflito entre o paganismo (até então defendido pelo rei Artur) e cristianismo (defendido pela rainha Gwenhwyfar). Essa oposição que cerca o símbolo do dragão poderia ser explicada por questões culturais.

Na cultura pagã, por exemplo, o dragão é visto como símbolo divino, assim como em culturas orientais, conforme as palavras de Ribeiro (2017, p. 59) na obra **Imaginário da serpente de A a Z**, tem-se “O dragão celeste é o pai mítico de inúmeras dinastias no Extremo Oriente; os imperadores da China traziam-no bordado sobre os seus estandartes para significar a origem divina de sua monarquia”.

No entanto, para a cultura cristã que na obra “A Grande Rainha”, é representada por Gwenhwyfar o símbolo do dragão é tido como símbolo maligno, de acordo com Ribeiro (2017, p. 59), “[...] o Dragão é o obstáculo que a humanidade precisa vencer para alcançar o Sagrado e merecer a vida; é a besta que o bom cristão tem de se esforçar para matar dentro de si, imitando São Jorge e São Miguel”.

Nesta perspectiva, opositiva a respeito do símbolo do dragão, na obra “*A Grande Rainha*”, na qual analisamos o símbolo dessa criatura mitológica, o qual novamente ressaltaremos como objeto desse estudo. Em um primeiro momento, Artur não era de comum acordo com sua rainha e mantivera seu juramento em lutar sob a bandeira vermelha do Pendragon, no entanto, deixando aberta a escolha dos outros cavaleiros levarem a Cruz de Cristo (que são elementos que representam a cultura cristã) em seus apetrechos:

Jurei lutar sob a bandeira real do Pendragon, e o farei, ou morreréi. Não sou nenhum tirano. Quem desejar levar a Cruz de Cristo no seu escudo pode fazê-lo, mas a bandeira do Pendragon fica, como símbolo de todos os povos da Bretanha – Cristãos, druidas, Povo Antigo, também lutando juntos. Tal como o dragão é superior a todos os animais, assim também o Pendragon está acima de todos os povos! De todos, digo eu! (BRADLEY, 1989, p. 183)

Nesta perspectiva, ainda temos, a bandeira de Pendragon representando um poder que mesmo estando sob ameaça do cristão, encontra-se, ainda, acima de todos os outros poderes existentes em Avalon, pois está ligada aos cultos da Deusa, desta forma a bandeira de Pendragon faz referência ao dragão, que na cultura pagã é um animal de proporções divinas, superior a todos os outros animais. Conforme arguem Chevalier e Gheerbrant (2009),

Potência celeste, criadora, ordenadora, o dragão é, muito naturalmente, o **símbolo do imperador**. É extraordinário que tal simbolismo se aplique, não só na china, mas entre os celtas, e que um texto hebraico fale do dragão celeste como de um rei no trono. Ele é de fato, associado ao raio (cospe fogo) e a fertilidade (traz a chuva). Simboliza, assim, as funções régias e os ritmos da vida, que garantem a ordem e a prosperidade. (CHEVALIER; GEERBRANT, 2009, p. 350).

No entanto, com o decorrer da história na obra *A Grande Rainha*, sobre chantagem emocional de Gwenhwyfar, alegando que o filho do grande rei não tinha vingado ainda devido ao juramento à Senhora de Avalon em carregar a bandeira de Pendragon, Artur se rende a Grande Rainha e decide levar a bandeira de Cristo e da Virgem para a batalha:

-Então – disse Artur com um suspiro –, juro-lhe, Gwenhwyfar, levarei apenas a sua bandeira de Cristo e da Virgem, e nenhuma outra se levantará acima da minha legião. [...] Artur chamou seu ajudante, que estava à porta do quarto, para que apanhasse cuidadosamente a bandeira e a içasse por sobre o acampamento. - Marcamos amanhã ao alvorecer, e todos devem ver a bandeira que minha dama teceu, com a Santa Virgem e a Cruz, flutuando por sobre a legião de Artur. (BRADLEY, 1989, p. 200)

Deste modo, dar-se a traição do rei Artur com o abandono da bandeira do Pendragon, uma vez que, seu reinado só foi possível pela ajuda da Deusa de Avalon, a qual prometeu nunca trai-lá não abandonando a bandeira, esta era o símbolo, o qual o dragão estava ligado a Avalon desde o reinado de seu pai Uther Pendragon. A este respeito Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 350), afirma que, “*As cabeças de dragões quebradas, as serpentes destruídas, são a vitória do Cristo sobre o mal*”.

Nesse sentido, o abandono da bandeira que carregava o símbolo do Pendragon, não só representa a traição de Artur aos cultos de Avalon, mais também, marca o início da sobreposição do cristianismo sobre a religião pagã.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foi desenvolvida a análise bibliográfica da simbologia acerca da imagem do dragão, na obra *As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*, da autora americana Marion Zimmer Bradley. A abordagem feita, parte de uma reflexão em relação a conduta do procedimento do imaginário, do simbólico, do fantasioso. Deste modo, a pesquisa denominada, *A simbologia da grande serpente de asas no imaginário das Brumas de Avalon, de Marion Zimmer Bradley*, demonstrou um estudo feito a partir do simbólico encontrado na figura do dragão, pesquisando, analisando e interpretando, assim, algumas características deste animal fantástico encontrado na obra estudada.

A pertinência e a relevância da pesquisa estão presentes em sua categoria temática e simbólica, que aborda questões a respeito do simbólico, do imaginário e do fantasioso, presentes na obra, objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso, onde tem-se as histórias das lendas arturianas, recontadas a partir das perspectivas das personagens femininas que compõe a narrativa, tais mulheres repelem a ideia fragilidade, podendo ser categorizadas como personagens transgressoras, pois estão à frente do seu tempo. E nesse meio fantástico e misterioso, que cercam lendas arturianas, aparecem símbolos que constituem o romance e são representados como tendo um papel significativo na narrativa, como é o caso do símbolo do dragão.

Consideramos que as estratégias narrativas, responsáveis por constituir o foco narrativo, a configuração dos símbolos, os espaços e as representações são expressões que a autora adere. Com esses componentes a escritora torna sua narrativa fantasiosa e, também, fascinante. No entanto, ela utilizou uma linguagem mais voltada para a interpretação como também fez uso do imaginário, o que pode ou não, fazer com que esses elementos sejam vistos por um olhar mais observatório.

Analisamos, ainda, na pesquisa, uma permanência do símbolo que tinha sua representatividade para a realização da narrativa daquele período medieval. Os símbolos existentes e vêm de toda uma tradição respeitada a algum tempo, no qual sua utilização é tido

muitas vezes como sagrado, em que essa prática foi transmitida e existe em nosso cotidiano, assim, isso mostra ao leitor que a arte literária transforma por meio da abordagem artística.

As representações dos símbolos, ainda, acontecem em nosso meio social, uma vez que eles fazem relação tanto com o imaginário como os aspectos psicológicos. Em nossos atuais dias, podemos encontrá-lo em nossa comunicação quando falamos, dando forma assim, aos pensamentos. Em outros casos, ele se dá pelas mais variadas vertentes do saber que adquirimos.

Na publicação do romance da escritora Marion Zimmer Bradley, "*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*", podemos notar uma tendência que envolve a narrativa da autora, que é a criação de uma simbologia do dragão. Temos ainda nesta obra outros símbolos que desencadeiam uma representação entre o mundo da Deusa e o Cristianismo, como o Santo Graal, que é um objeto que esteve presente na coroação de Artur.

No texto de Marion Zimmer Bradley, as personagens femininas junto com Artur, são tidas e vistas com grande destaque no decorrer da obra, entretanto, a simbologia está inserida ao meio representacional dessa narrativa medieval, dando norteamento aos fatos pelo símbolo do dragão.

Nesta pesquisa de conclusão de curso, vimos em um primeiro momento como a autora discorre em seus escritos, como também houve uma exposição em relação a sua vida pessoal e literária. Em um segundo ponto, abordamos uma teoria que discorre sobre o mundo fantástico, a partir de vieses tanto do simbólico quanto do imaginário, tentando exteriorizar alguns pensamentos sobre as representações destes elementos citados.

Por último, expomos um estudo analítico interpretativo acerca do símbolo e do imaginário, desenvolvendo uma análise mais profunda sobre o objeto estudado no corpus desta pesquisa.

Portanto, vislumbramos, na obra *As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*, de Marion Zimmer Bradley, demonstrar as representações simbólicas mediante a figura do dragão, ganhando uma nova aceitação como imagem, e que por isso, nos faz refletir sobre os símbolos, que despertam fascínio e curiosidade, sobre criaturas fantasiosas como é o caso do dragão, que é um símbolo constante na literatura de cunho medieval e que não é tão lembrada em nossos dias atuais.

RÉSUMÉ

La littérature a été, au cours des années, une expérience de préservation de l'origine de l'humanité et avec cela, sa valeur est principalement avec l'apparition du roman. De cette manière, une grande partie de la souffrance humaine a été modifiée à travers ses expressions littéraires. Par conséquent, les mots gagnent en puissance dans la littérature, car c'est en elle que notre subjectivité est structurée. nous vous proposons dans cette étude pour identifier le rôle symbolique présent dans l'œuvre de l'écrivain *Les brumes d'Avalon*, Marion Zimmer Bradley, de la même manière, la représentation du symbole, en se basant sur leurs études analytiques citées travail, autour du symbole de dragon, appartient à une histoire de la légende arthurienne dit une perspective féminine, afin de catégorie thématique nous notons le rôle des espaces symboliques de l'image des ailes de serpent - le dragon - l'objet de cette recherche de texte dans ce récit. Par conséquent, notre cadre théorique est basé sur la théorie imaginaire Laplantine et Trindade (1997) et sous la Cirlot symbolique (2005), Chevalier et Gheerbrant (2009), Ribeiro (2017) et Girard (1997). L'analyse montre que, dans le travail *Les brumes d'Avalon - La Grande Reine*, Marion Zimmer Bradley, démontrer les représentations symboliques par la figure de dragon, gagnant une nouvelle acceptation comme une image, et donc, nous fait réfléchir sur les symboles, qui suscitent la fascination et la curiosité, à propos de créatures fantastiques comme le dragon, qui est un symbole constant dans la littérature médiévale et dont on ne se souvient plus de nos jours.

Mots-clés: Dragon. Symbole Les brumes d'Avalon.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon – V.1**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.
- _____. **As Brumas de Avalon – V.2**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.
- _____. **O melhor de Marion Zimmer Bradley**. Trad. A.B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- CHEVALIER, Jean; GREERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa e Silva, et al. – 24^a Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dragões. Dicionário de Símbolos**. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Centauro, 2005, p.213-216.
- GIRARD, Marc. **Os símbolos na Bíblia: ensaios de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal**. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1997.
- LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

KRONZEK, Allan Zola; KRONZEK, Elizabeth. *Dragões. O manual do Bruxo: um dicionário do mundo mágico de Harry Potter*. Trad. Rubens Figueiredo e Sabrina Ricci Netto. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p.108-111.

RIBEIRO, Maria Goretti. *Imaginário da serpente de A a Z*. Campina Grande: EDUEPB, 2017, p.58-61. (Série Literatura e interculturalidade).

SITES:

SAXÕES.In: *Dicionário Da Língua Portuguesa*. Lisboa: Priberam Informática, 2008-2013.

Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/sax%C3%B5es>>. Acesso em 17 mai. 2018.

LIPTAK, Andrew. Jack Vance, Inventor of Worlds. Disponível: <<http://www.kirkusreviews.com/features/jack-vance-inventor-worlds/>>. Acesso em: 28 de maio, 2018 às 20:00.

The Dark World. Disponível: <https://en.wikipedia.org/wiki/The_Dark_World>. Acesso em: 28 de maio, 2018 às 23:58.